

## Vidas negras também importam na ciência

Rita de Cassia dos Anjos e Marcia Barbosa

Rita é negra, pesquisadora na área de astrofísica de altas energias e docente de física na Universidade Federal do Paraná - Setor Palotina há seis anos. Passeando com amigas no Shopping encontra um docente do Setor de outra área. Eles se olham e cumprimentam-se. O professor comenta que sempre a via no Setor e pergunta se ela é aluna cotista da Instituição. Rita sorri gentilmente e diz que é professora no Setor. O professor então pergunta quem ela está “substituindo” algum docente em afastamento. Por fim, Rita argumenta que é docente do quadro permanente há três anos na Universidade e encerra a conversa. Rita e suas amigas, ainda perplexas, sentam-se em um café e discutem a situação ocorrida e a dimensão a que chegou o racismo estrutural no Brasil em todas as classes.

Ainda no mesmo mês, Rita vai ao banco resolver algumas situações. Retira a senha, entra na agência e espera ser chamada. Era a hora do almoço. Não havia ninguém para ser atendido devido ao horário. O novo gerente da conta estava livre e Rita senta-se em frente à sua mesa. O painel acende com o número da próxima senha. A senha da docente. O gerente encara Rita por alguns instantes, olha ao redor e continua trabalhando. Após 15 min, Rita se levanta e questiona o gerente sobre a demora no atendimento. Ele pergunta com um olhar assustado: Mas esta senha é sua? Rita responde: claro! Ele indaga: Tem certeza que você não retirou a senha errada antes de entrar na agência? Onde você trabalha? Na UFPR, responde Rita. O que você faz lá? Continua o interrogatório. Sou docente, responde a professora já desanimada com a situação. O gerente então muda o olhar, sorri, levanta da cadeira, estende a mão para a Rita e comenta que não a viu porque estava distraído finalizando outro atendimento no computador.

A participação de estudantes negros no ambiente acadêmico desde o advento das cotas raciais tem aumentado. Segundo Censo do Ensino Superior [1,2], entre os alunos matriculados no ensino superior, os estudantes negros somavam cerca de 1,7 milhão em 2014, passando para algo em torno de 3 milhões em 2018. Este é um avanço considerável de quase 75%. Como o número total de estudantes nas universidades aumentou, neste período pretos e pardos passaram de 22,1% para 35,8% de todo o corpo discente. O avanço

é notável, mas infelizmente não se reflete no cargo de docência com o mesmo impacto. Em 2014 as universidades contavam com 15,2% de docentes negros e negras e em 2018 houve um modesto aumento para 16,4%.

Se examinarmos os pesquisadores que possuem a prestigiosa bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq o percentual de negros cai para 7,3% [3,4]. Este fenômeno da diminuição do percentual (35,5% → 16,4% → 7,3%) de negros(as) a medida que se avança na carreira recebe o nome de efeito tesoura, pois se o percentual de negros diminui, o de brancos aumenta formando o desenho de uma tesoura. Ele é algo universal e ocorre também com mulheres no mundo profissional. Neste caso, estudos feministas mostram a sua origem na estrutura patriarcal de nossa sociedade[5]. Apesar de seus ares progressistas, a estrutura acadêmica também é afetada pelo ecossistema social racista.

Um estudo realizado pelo grupo HeforShe da UFRGS avaliou através de um questionário qual o percentual da comunidade acadêmica sofreu assédio [6]. O grupo mostra que 50% dos respondentes negros alegam ter sofrido assédio moral na universidade, enquanto este número cai para 35% entre os respondentes brancos. Estudos como este ajudam a evidenciar o racismo e a partir disto construir um ambiente antirracista.

Rita está no seleto grupo de negros e negras que venceu todas as barreiras se tornando docente de uma universidade federal e pesquisadora do CNPq. Seu protagonismo em física de partículas fez com que fosse agraciada com o prêmio ABC-Loreal-Unesco de Mulheres na Ciência. Rita é a primeira negra a ganhar esta honraria na área de física.

A diversidade que Rita e outros estudantes negros e negras trazem para ciência não representa somente democracia e direitos humanos, é um instrumento de eficiência. Um estudo recente [7] mostra que teses de doutorado com mais diversidade entre os seus participantes geram mais inovação disruptiva, criam uma ciência melhor. Rita mostra que vidas negras também importam na ciência.

[1][http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2019/censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2018-notas\\_estatisticas.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/censo_da_educacao_superior_2018-notas_estatisticas.pdf)

- [2] <https://nace.com.br/no-de-alunos-negros-na-universidade-explode-entre-docentes-alta-e-timida-10-2020>
- [3] <http://www.cnpq.br/documents/10157/66f3ea48-f292-4165-bf7b-8d630bdc8f9f>
- [4] <https://docplayer.com.br/19915057-Parte-ii-as-negras-e-os-negros-nas-bolsas-de-formacao-e-de-pesquisa-do-cnpq.html>
- [5] <http://www.if.ufrgs.br/~barbosa/Publications/Gender/barbosa-gender-ecs-2020.pdf>
- [6] <https://www.ufrgs.br/meninasnaciencia/pesquisa-assedio-na-ufrgs>
- [7] <https://www.pnas.org/content/117/17/9284>